

# editorial

Este foi um ano de mudanças para a revista *Cadernos de Campo*. Além da já usual troca da comissão editorial, composta, no atual número, por nove membros do corpo discente, de mestrado e doutorado, a revista precisou se reestruturar em função das condições impostas pela nova política orçamentária da Capes, que afetou não apenas o PPGAS-USP, mas toda a pós-graduação do país.

Se a nova realidade financeira demandou reorganização, foi também com base nela que a *Cadernos de Campo* tomou uma decisão difícil, mas histórica, e engrossou o coro da atual tendência dos periódicos acadêmicos: a partir deste número, 24, deixa de existir a edição impressa da revista, que passa a circular apenas em suporte digital. Avanço que, além de permitir uma circulação mais ampla e efetiva, expande sensivelmente o potencial número de trabalhos publicados a cada ano.

Evidentemente, semelhante decisão não teria sido possível sem o empenho dos inúmeros colegas que, em anos anteriores, envidaram esforços prodigiosos no sentido de automatizar todo o processo de submissão, avaliação, edição e publicação de trabalhos por meio da plataforma OJS (*Open Journal Systems*) e do portal revistas.usp.br. Sem o impulso contínuo e o legado das gerações anteriores, a *Cadernos de Campo* não teria conseguido dar esse importante passo. Registramos aqui o nosso agradecimento a todos os colegas – discentes, funcionários, estagiários e docentes – que fazem parte dessa história.

Diante desse cenário de mudanças e conquistas, só pode ser ainda maior a satisfação de apresentar a 24ª edição da revista *Cadernos de Campo*, publicação das(os) alunas(os) do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo. O periódico se renova, mantendo seu compromisso com a produção acadêmica de qualidade e com a diversidade de debates entre subáreas no interior da disciplina, característica que mantém a revista como referência na área desde o início de suas atividades, em 1991.

Neste número, apresentamos catorze trabalhos na seção *Artigos e Ensaaios*. Os seis primeiros contribuem, de ângulos notadamente distintos, para o fecundo diálogo que, desde o seu nascimento, a antropologia empreende com as artes. Renato Jacques de Brito Veiga abre a seção com “Dançando estruturas: Lévi-Strauss, Alfred Gell e a dança contemporâ-

nea”, que, partindo de uma análise etnográfica do grupo paulista Núcleo Artérias, propõe um olhar sobre a dança contemporânea inspirado nesses dois autores.

Lévi-Strauss é novamente revisitado, agora ao lado de Darcy Ribeiro e Guido Boggiani, no artigo “Leituras antropológicas sobre a arte kadiwéu”, de autoria de Maria Raquel da Cruz Duran. A autora parte de textos clássicos – as etnografias dos dois antropólogos e os diários de viagem do paisagista italiano – e de seu próprio trabalho de campo entre os Kadiwéu para pensar as noções de arte como sistema de comunicação e como agência, apontando os trânsitos da pintura e das relações sociais kadiwéu entre as duas posições.

As artes visuais são também o tema de John Fletcher em “Interpretações visuais nos territórios da ecologia política: aproximações e distanciamentos entre a Amazônia Oriental e a Ocidental”. O autor toma o trabalho de artistas contemporâneos que pensam as paisagens amazônicas pelo viés da ecologia política, de modo a discutir, inspirado nos debates pós-colonial e decolonial, as preocupações ecológicas e as respostas visuais críticas para a desconstrução de razões econômicas hegemônicas.

A música e a cena musical contemporânea são temas dos dois artigos que se seguem. “O remelexo do devir caipira: processo(s) identitário(s) na contemporaneidade”, de Lays Matias Mazoti Corrêa, parte de uma pesquisa junto à banda Mercado de Peixe para investigar o movimento Pós-caipira e a maneira particular como ele articula elementos locais e globais em seu processo de constituição identitária. Já Paulo Menotti del Picchia, em “Discos em construção – etnografia dentro de estúdios”, propõe uma etnografia musical do processo de construção de discos em estúdios paulistanos, discutindo, com base nas experiências etnográficas de gravação dos discos *Tatá Aeroplano* e *Metal Metal*, as práticas criativas dos artistas, a produção musical no Brasil e o papel do disco como elemento de mediação e agência na vida dos artistas.

Na sequência, “Sem pai, sem mãe” articula literatura e parentesco a partir da análise do tema da família no romance *Capitães da areia*, de Jorge Amado. Analisada pela ótica da criança, a família é entendida em uma chave bourdieusiana, do ponto de vista da *estratégia*, e maussiana, do ângulo da reciprocidade, chaves pelas quais Gustavo Belisário D’Araújo Couto pensa a agência da criança na constituição dos significados de pai e mãe.

A sequência da seção *Artigos e Ensaios* focaliza uma variedade de subáreas e grandes temas da antropologia. Em “A ribeiridade amazônica: algumas reflexões”, Francisco Rente Neto se apoia em pesquisa bibliográfica no Museu Paraense Emílio Goeldi para investigar usos do conceito de *ribeiridade* enquanto categoria de análise cultural do modo de vida dos

povos ribeirinhos da Amazônia, cujo lastro corresponde à expressão cultural dos grupos que habitam as margens dos rios na região.

Pedro Henrique Mourthé e Yara de Cássia Alves investigam as diversas formas assumidas pela categoria *movimento* em seu artigo “Multiplicidades do movimento: um experimento etnográfico sobre duas caminhadas quilombolas”. A circulação de humanos e não humanos são pontos fundamentais para a compreensão das andanças, das caminhadas e das lutas dos dois grupos quilombolas que compuseram as experiências etnográficas dos autores.

Em “Por uma antropologia de varanda reversa: etnografando um encontro entre índios e crianças em uma escola no Rio de Janeiro”, Guilherme Fians trabalha com o tema clássico da “antropologia de varanda”, quando os índios vêm até os brancos para “explicar sua cultura”, para compreender o encontro de crianças brancas e indígenas proposto em um colégio do Rio de Janeiro. As relações entre índios e o sistema educacional é também o tema de Norma Luz González Rodríguez em “Mujeres indígenas rarámuri universitarias: su resistencia a la opresión”. A autora realiza etnografia com mulheres indígenas que ingressaram na universidade, descrevendo processos de exclusão vivenciados por suas interlocutoras, bem como as lutas que lhes permitem reafirmar sua identidade rarámuri e superar as situações de opressão.

Os dois artigos que se seguem abordam temas relacionados a gênero e sexualidade. Lira Turrer Dolabella acompanha a vivência de brasileiras no contexto dos bares de Lisboa. Em seu artigo “Entre sexo, ajuda e programa: experiências e dilemas da sexualidade no contexto dos bares de alterne em Lisboa”, a autora acompanha processos identitários e os problemas desencadeados pelas conexões entre dinheiro, sexo e afetos. “Desmanche’: notas sobre as disputas em torno da legitimidade das políticas LGBT no Brasil”, assinado por Vinícius Pedro Correia Zanoli e Thiago Henrique de Oliveira Falcão, descreve o processo de criação do Centro de Referência LGBT de Campinas, a partir do qual questionam tanto os resultados concretos do conjunto das políticas públicas, em andamento, voltadas à população LGBT no Brasil quanto a resistência à aprovação de projetos que visam implementá-las.

É com ênfase na retórica das emoções que Fábio de Medina da Silva Gomes analisa audiências entre empregadoras e trabalhadoras domésticas em seu artigo “Amizades muito hierárquicas: direitos e emoções nas relações entre domésticas e patroas”. Por meio de observação direta, o autor tenta compreender o papel do judiciário na administração de conflitos, explorando as relações entre fato e norma, dádiva e distribuição nesse tipo específico de contrato.

Por fim, Tiago Lemões discute as relações entre sujeitos, instituições, agentes estatais e não estatais por meio da experiência do Movimento Na-

cional da População de Rua do Rio Grande do Sul. O autor destaca a dinâmica com a qual os militantes do MNPR-RS classificam diferentes agentes de interlocução a partir da manipulação das narrativas que envolvem a “experiência das ruas”, acionando discursos que ora positivam essa experiência, ora expõem sua dimensão perversa, de acordo com os agentes e as intenções em jogo, movimentando determinadas práticas, saberes e proposições que perpassam essas arenas de mobilização e reivindicação.

A seção *Artes da Vida* desta edição é composta pelo ensaio fotográfico “Entre rezas, lágrimas, suor, menstruação e chulé: o futebol feminino em foco”, de Mariane da Silva Pisani, selecionado para publicação pela curadoria do Prof. Dr. Fernando de Tacca. Aliando um vigoroso senso estético à temática antropológica incorporada nas imagens captadas durante o trabalho de campo do seu doutorado, a autora constrói uma narrativa fotográfica que retrata o cotidiano do time de futebol feminino da Associação Atlética Pró-Esporte (ASAPE).

A seção *Resenhas* marca o sucesso do *Projeto Resenhas 2015*, fruto da parceria bem sucedida da *Cadernos de Campo* com algumas das principais editoras do país. Neste número, publicamos resenhas de seis livros doados para o projeto: *Barganhas e querelas da escravidão: tráfico, alforria e liberdade* (EDUFBA, 2015), organizado por Lisa Earl Castilho, Wlamyra Albuquerque e Gabriela dos Reis Sampaio; *A Casa das mulheres n'outro terreiro: famílias matriarcais em Salvador-Bahia* (EDUFBA, 2014), de autoria de Maria Gabriela Hita; *Prostituição e outras formas de amor* (EDUFBA, 2014), por Soraya Silveira Simões, Hélio Silva e Aparecida Fonseca Moraes; *Fazendo gênero e jogando bola: futebol feminino na Bahia nos anos 80-90*, (EDUFBA, 2014), assinado por Enny Vieira Moraes; *Nas tramas do crack. Etnografia da abjeção* (Terceiro Nome, 2014), de autoria de Taniele Rui; e o já clássico *Manifesto Contrassexual* (N-1 edições, 2014) de Paul Beatriz Preciado. Encerra a seção a resenha do importante *Making: Anthropology, Archaeology, Art and Architecture* (Routledge, 2013), de Tim Ingold.

O *Especial* deste número é um desdobramento do primeiro seminário *Foucault na Amazônia? Sexualidades indígenas*, realizado no Museu Nacional/RJ em junho de 2015. A seção é composta por oito artigos que versam acerca das sexualidades ameríndias, das(os) autoras(es) Elisabeth Pissolato, Vanessa Lea, Diógenes Cariaga, Aline Moreira Magalhães, Orlando Calheiros, Andréa Oliveira Castro, Juliana Rosalen e Luisa Elvira Belaunde. Na Introdução ao Especial, Belaunde apresenta um panorama dos estudos de sexualidades ameríndias na etnologia brasileira, sua importância e o interesse renovado que a temática vem ganhando nos debates etnológicos sul-americanos desde os anos 1970. A autora não apenas oferece, dessa forma, novos caminhos para os debates de gênero e sexualidade entre os povos das terras

baixas da América do Sul contemporâneos, como também propõe renovados entendimentos acerca das relações desses povos com a alteridade, com o tempo e com o mundo, partindo de suas próprias reflexões acerca do universo e da humanidade, isto é, da gestão das relações entre os seres do cosmos. Os trabalhos publicados nessa seção exprimem a riqueza do tema ao fornecerem matéria etnográfica proveniente de diversos povos indígenas sul-americanos para os estudos sobre a fabricação do corpo e da construção da pessoa, da humanidade e do parentesco ameríndios. Incluem-se aí as relações entre as gerações, os gêneros e os seres diversos do cosmos e seus domínios de cuidado e ação, que possuem autonomia e sexualidade(s) própria(s), isto é, agência, fazendo aparecer assim seus modos próprios de pensar a(s) socialidade(s) e de agir, diante das múltiplas possibilidades de relações que se colocam aí e que devem, continuamente e necessariamente, ser mediadas a partir do idioma da predação. Agradecemos às(aos) autoras(es) que se dispuseram a compor e a colaborar com o *Especial* e, principalmente, à professora Luisa Elvira Belaunde pela mediação, disposição e paciência na organização dessa importante e necessária publicação.

O número 24 da *Cadernos de Campo* traz ainda a entrevista de Philippe Descola, concedida a Edson Tosta Matarezio Filho, “Entre filosofias e etnologias, uma conversa sobre Claude Lévi-Strauss”, realizada em 2013 no âmbito da produção do documentário *O que Lévi-Strauss deve aos ameríndios*. Além dessa importante contribuição, publicamos também a cuidadosa tradução feita por Michelle Cirne de “Le temps qui s’agite” – *O tempo que se move* –, introdução do historiador e cientista político Achille Mbembe ao seu livro de ensaios sobre o imaginário pós-colonial na África contemporânea, *De la Postcolonie: essai sur l’imagination politique dans l’Afrique contemporaine* (2000).

A *Cadernos de Campo* agradece às(aos) autoras(es) que submeteram seus artigos, ensaios traduções e resenhas, publicados ou não nesta edição. Agradecemos também às editoras que colaboraram com o *Projeto Resenhas* e aos pareceristas *ad hoc* que gentilmente cederam seu tempo para colaborar com este número. Registramos ainda o nosso agradecimento à(aos) professora(es) e funcionária(os) do Departamento de Antropologia e, especialmente, ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo pelo financiamento e apoio. Finalmente, agradecemos às(aos) leitoras(es) da revista, sem os quais esta publicação não teria sentido.

**Desejamos a todas(os) uma excelente leitura!**

**Comissão Editorial**